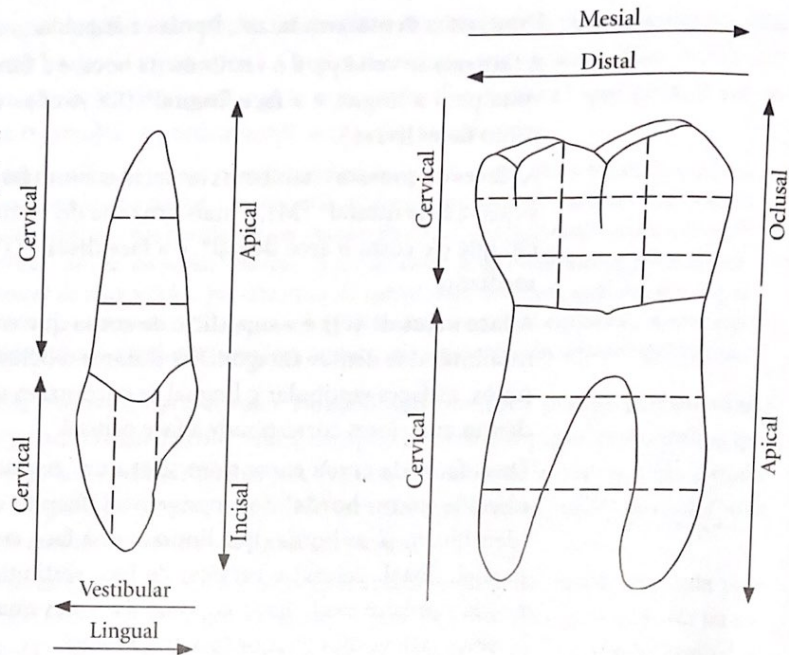


Figura 1-2 – Incisivo e molar com suas coroas e raízes divididas em terços. O terço situado entre dois outros é sempre chamado de terço médio.



“Método de dois dígitos” para identificar os dentes

Cada dente tem um número representativo que o identifica e o localiza no arco dental*. São dois algarismos, dos quais o primeiro se refere ao quadrante (um dos quatro hemiarcos) e o segundo à ordem do dente no quadrante.

Os quadrantes da dentição permanente recebem os números de 1 a 4 e os da dentição decídua, de 5 a 8. Os algarismos dos dentes são de 1 (incisivo central) a 8 (terceiro molar) para os permanentes, e 1 (incisivo central) a 5 (segundo molar) para os decíduos.

Dentes permanentes:

Superior direito								Superior esquerdo							
18	17	16	15	14	13	12	11	21	22	23	24	25	26	27	28
48	47	46	45	44	43	42	41	31	32	33	34	35	36	37	38
Inferior direito								Inferior esquerdo							

Dentes decíduos:

55	54	53	52	51	61	62	63	64	65
85	84	83	82	81	71	72	73	74	75

Terminologia e definição dos detalhes anatômicos da coroa dental

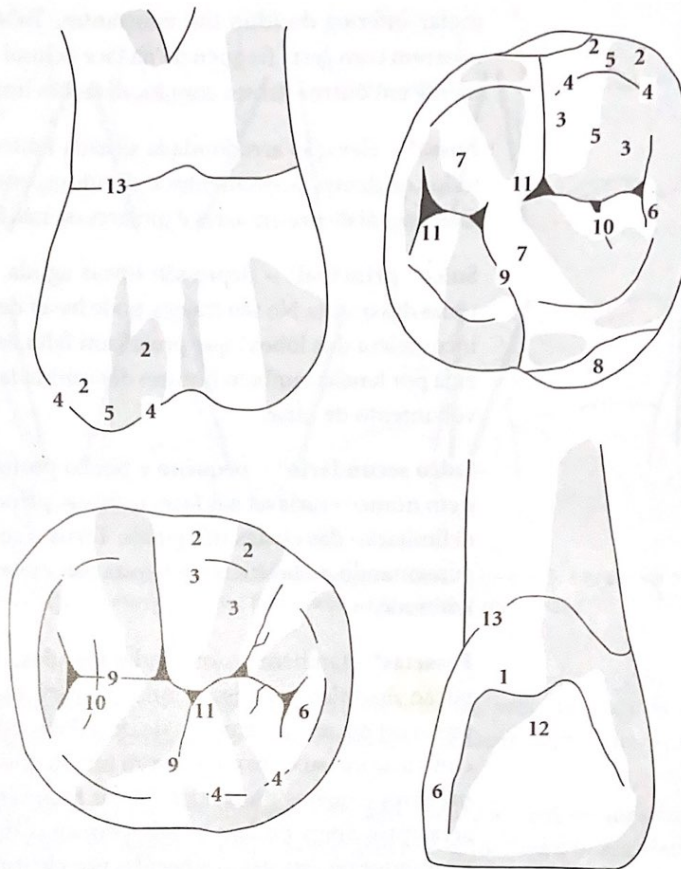
(Fig. 1-3)

Os elementos arquitetônicos da coroa, que são elevações e depressões, podem ser definidos da seguinte maneira:

Cíngulo* – saliência arredondada no terço cervical da face lingual de incisivos e caninos. Corresponde à porção mais saliente do lobo* lingual.

Figura 1-3 – Terminologia dos detalhes anatômicos da coroa dental.

1. Cíngulo
2. Vertente lisa
3. Vertente triturante ou oclusal
4. Aresta longitudinal
5. Aresta transversal
6. Crista marginal
7. Ponte de esmalte
8. Tubérculo
9. Sulco principal
10. Sulco secundário
11. Fosseta (fóssula) principal
12. Fossa
13. Linha cervical



Cúspide* – saliência em forma de pirâmide quadrangular, típica de pré-molares e molares. De suas vertentes* ou planos inclinados, duas estão nas faces livres, **vertentes lisas**, e duas na face oclusal, **vertentes triturantes** ou **oclusais**. As vertentes lisas estão separadas das triturantes por **arestas* longitudinais** (são as bordas inclinadas que formam o ângulo da cúspide, numa vista vestibular ou lingual). As vertentes lisas e triturantes mesiais são separadas das homônimas distais, em uma mesma cúspide, por **arestas transversais**. As vertentes e as arestas encontram-se no **vértice** da cúspide.

Crista marginal* – eminência linear romba situada nas bordas mesial e distal da face lingual de incisivos e caninos (vai do cíngulo aos ângulos incisais) e nas bordas mesial e distal da face oclusal de pré-molares e molares (estende-se das cúspides vestibulares às linguais). Evita que partículas de alimento que devem ser trituradas escapem da zona mastigatória e também protege a área de contato*, evitando impacção alimentar nela.

Ponte de esmalte* – eminência linear que une cúspides, interrompendo um sulco principal. Os melhores exemplos são aquelas do primeiro pré-molar inferior e do primeiro molar superior.

Tubérculo* – saliência menor que a cúspide, sem forma definida. O tubérculo de Carabelli do primeiro molar superior e o tubérculo molar do primeiro

molar inferior decíduo são constantes. Tubérculos arredondados pequenos ocorrem com certa frequência na face oclusal de terceiros molares e ocasionalmente em outros dentes com localizações imprecisas.

Bossa* – elevação arredondada situada no terço cervical da face vestibular de todos os dentes permanentes e decíduos, entre os terços cervical e médio da face lingual de pré-molares e molares ou nas faces de contato de alguns dentes.

Sulco* principal* – depressão linear aguda, estreita, que separa as cúspides umas das outras. No seu trajeto, pode haver defeitos de desenvolvimento (fusão incompleta dos lobos) que provocam falta de coalescência do esmalte, traduzida por fendas também lineares denominadas **fissuras***. É local de fácil desenvolvimento de cárie.

Sulco secundário* – pequeno e pouco profundo, distribui-se irregularmente e em número variável nas faces oclusais, principalmente sobre as cúspides e na delimitação das cristas marginais. Torna a superfície mastigatória menos lisa, aumentando a eficiência da trituração, e serve para escoamento de alimento triturado.

Fossetas* – também denominadas **fóssulas**. Depressões encontradas na terminação do sulco principal (junto à crista marginal ou na face vestibular de molares) ou no cruzamento de dois deles. São as **fossetas principais**. No encontro de um sulco principal com um ou dois secundários, formam-se fossetas menores e menos profundas. São as **fossetas secundárias**. No fundo das fossetas principais podem surgir pequenas depressões irregulares ou pontos profundos no esmalte, conhecidas por **cicatrículas**. À semelhança das fissuras, são locais eletivos de cárie.

Fossa* – escavação ampla e pouco profunda da face lingual de dentes anteriores, particularmente dos incisivos superiores. É menos notável nos caninos e incisivos inferiores. Entre a fossa lingual e o cingulo pode surgir uma depressão profunda, semelhante a uma fosseta, denominada **forame cego***.

Direção* das faces da coroa dos dentes nos sentidos* vertical e horizontal

A direção das faces opostas da coroa é a mesma em todos os dentes, obedecendo assim a um plano geral de construção. Elas não são paralelas, mas convergentes em uma determinada direção. A convergência é mais ou menos acentuada, segundo o dente considerado.

Direções convergentes das faces livres

Sentido vertical (Fig. 1-4) – no sentido vertical as faces vestibular e lingual convergem em direção incisal ou oclusal. Tal disposição é muito pronunciada nos incisivos e caninos em virtude do seu perfil triangular causado pelo grande diâmetro vestibulolingual perto do colo, que se reduz gradualmente até chegar a um ângulo agudo ao nível da borda incisal. Nos pré-molares e molares

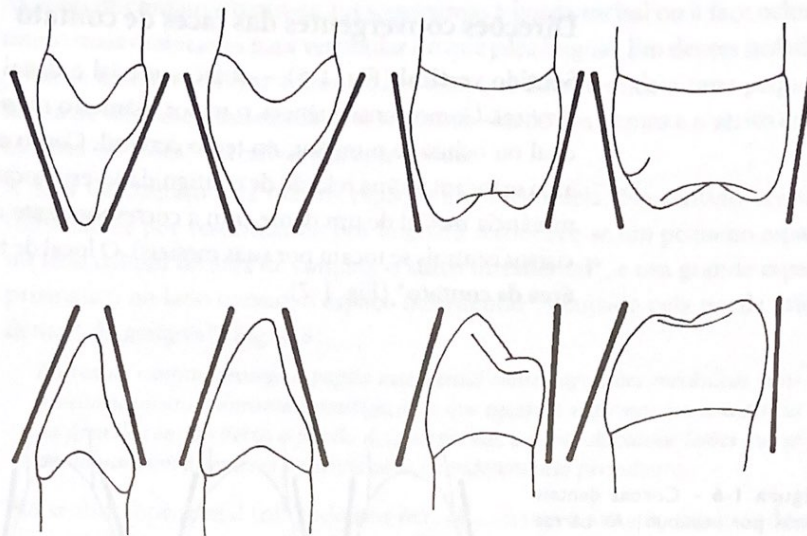


Figura 1-4 – Coroas dentais vistas pela face mesial. As barras paralelas às bordas vestibular e lingual ressaltam a convergência das faces livres para a oclusal ou incisal.

o perfil triangular se transforma em perfil trapezoidal, pela presença de uma borda oclusal, mas ainda assim a convergência das faces livres é na mesma direção.

Realmente, o diâmetro vestibulolingual de cada dente é sempre maior quando medido ao nível do terço cervical. É neste nível que se localiza a bossa vestibular de todos os dentes, bem como o cingulo dos dentes anteriores. Na face lingual dos dentes posteriores, uma bossa lingual mal definida acentua a maior proeminência do terço médio.

Em uma estreita faixa ao nível do colo, a convergência das faces se faz em direção contrária (para a cervical), em razão do estrangulamento do próprio colo.

Sentido horizontal (Fig. 1-5) – no sentido horizontal, ambas as faces livres convergem ligeiramente na direção distal. Percebe-se isso examinando o dente por incisal ou oclusal. No grupo dos pré-molares, cujas faces livres são de pequena amplitude, há pouca convergência, a ponto de ser difícil identificá-la com precisão.

Em decorrência dessa disposição, deduz-se que a metade mesial do dente, medida no seu diâmetro vestibulolingual, é maior que a metade distal.

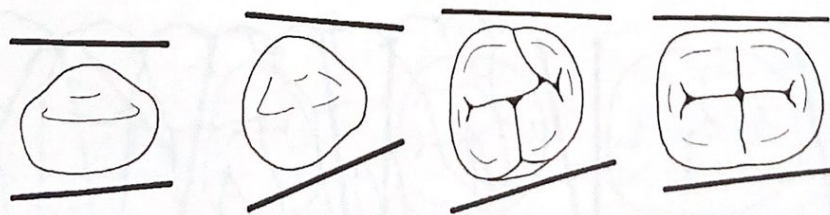


Figura 1-5 – Coroas dentais vistas por oclusal ou incisal. As barras paralelas às bordas vestibular e lingual ressaltam a convergência das faces livres para a distal. Os pré-molares não foram representados porque neles há pouca ou nenhuma convergência.

Direções convergentes das faces de contato

Sentido vertical (Fig. 1-6) – as faces mesial e distal convergem em direção cervical. Como consequência, o maior diâmetro mesiodistal está no terço incisal ou oclusal e o menor, no terço cervical. Como os dentes de um mesmo arco se tocam, numa relação de contiguidade, esse toque se dá pela maior proeminência mesial de um dente com a correspondente distal do vizinho (os incisivos centrais se tocam por suas mesiais). O local de toque é conhecido como **área de contato*** (Fig. 1-7).

Figura 1-6 – Coroas dentais vistas por vestibular. As barras paralelas às bordas mesial e distal ressaltam a convergência das faces de contato para a cervical.

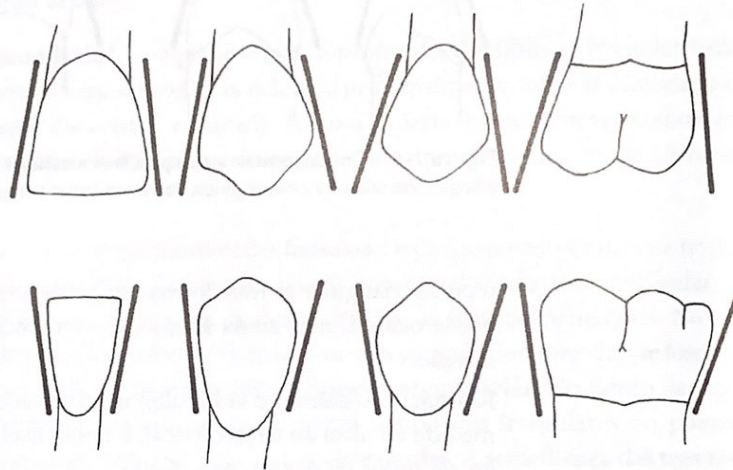
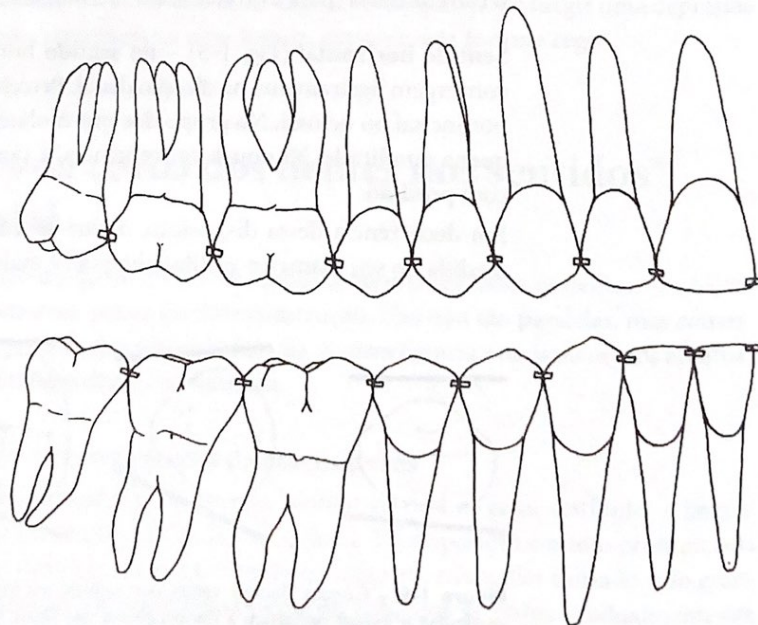


Figura 1-7 – Áreas de contato dos dentes de hemiarcos superior e inferior (distendidos) marcadas com pequeno retângulo.



As áreas de contato situam-se, pois, próximas à borda incisal ou à face oclusal, muito mais deslocadas para vestibular do que para lingual. Em dentes isolados, pode-se tentar visualizar a área de contato, que corresponde a uma pequena faceta de desgaste ocasionada pela semimobilidade dos dentes e o atrito entre eles nas oclusões* sucessivas durante a vida.

A área de contato cria quatro espaços em torno dela. No sentido vertical (olhando-se por vestibular ou por lingual), reconhece-se um pequeno espaço no lado oclusal da área de contato, o **sulco interdental***, e um grande espaço prismático no lado oposito, o **espaço interdental***, ocupado pela papila interdental* da gengiva* (Fig. 1-8).

A área de contato protege a papila interdental contra agressões mecânicas (impacção alimentar) durante a mastigação, o que equivale a afirmar que a ausência da área de contato deixa a papila desguarnecida, a ponto de causar lesões que se desdobram em alterações possíveis de se estenderem pelo periodonto.

No sentido horizontal (olhando por oclusal), chama a atenção um grande espaço em forma de V aberto para a lingual, denominado **ameia* lingual**, e um espaço bem menor do lado vestibular, a **ameia vestibular** (Fig. 1-9).

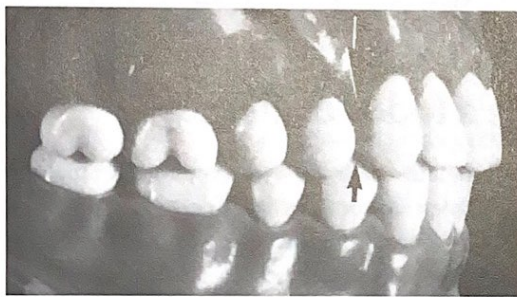


Figura 1-8 – Sulco interdental (seta menor) e espaço interdental (seta maior) determinados pelo contato normal de dentes de um mesmo arco.



Figura 1-9 – Ameia vestibular (seta menor) e ameia lingual (seta maior) determinadas pelo contato normal de dentes de um mesmo arco.

Sentido horizontal (Fig. 1-10) – no sentido horizontal, as faces de contato mesial e distal convergem em direção lingual. Faz exceção o primeiro molar superior e também o segundo molar superior decíduo. Ambos têm a face lingual maior que a vestibular. Eventualmente, o segundo pré-molar inferior também exhibe uma face lingual alargada, chegando mesmo a ser de tamanho maior que a face oposita.



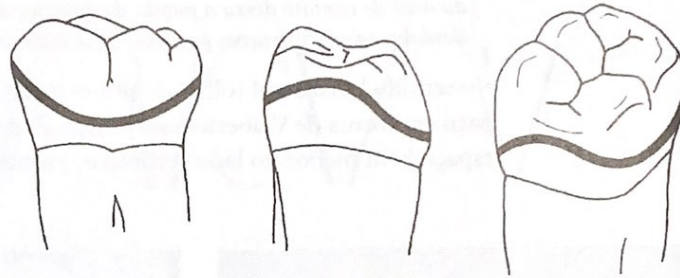
Figura 1-10 – Dentes vistos por oclusal ou incisal. As barras paralelas às bordas mesial e distal ressaltam a convergência das faces de contato para a lingual.

A convergência das faces de contato para a lingual faz surgir a ameia lingual, cuja abertura será proporcional ao grau de convergência das faces.

Nos dentes anteriores e no primeiro pré-molar inferior, as convergências nos sentidos vertical e horizontal combinadas, como se fossem uma convergência única na direção cervicolingual, deixam o terço cervical afilado em relação às demais porções do dente.

De acordo com o exposto, as maiores proeminências ou áreas mais elevadas da coroa ficam próximas da oclusal nas faces de contato e próximas da cervical nas faces livres. Se unirmos essas proeminências numa linha contínua que contorne toda a coroa, teremos a **linha equatorial*** da coroa, a qual será mais sinuosa quanto mais anterior for o dente (Fig. 1-11).

Figura 1-11 – Linha equatorial da coroa de um molar inferior vista por vestibular (à esquerda), por distal (no meio) e por um aspecto mesiolingual (à direita).



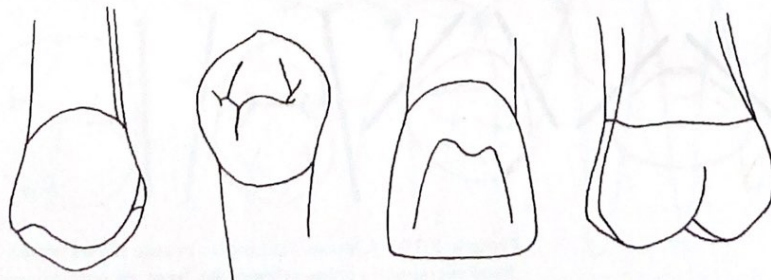
Caracteres anatômicos comuns a todos os dentes

Faces curvas – as faces da coroa de um dente são sempre curvas. Na maioria das vezes, convexas: há convexidades em todas as faces de todos os dentes. Mesmo superfícies descritas como planas, como a face vestibular de incisivos, são na realidade levemente convexas. Em algumas faces aparecem também concavidades alternando-se com as convexidades, como na lingual de dentes anteriores que tem cingulo e fossa lingual e na oclusal de molares com fossetas e cúspides.

As faces dos dentes unem-se por bordas arredondadas. Por essa razão, não há limites precisos entre uma face e outra: quando se examina uma face, vê-se alguma parte da face vizinha. Bordas ou faces planas, quando encontradas, são conseqüências de desgastes* típicos ou atípicos.

Face vestibular maior que a lingual – em conseqüência da convergência das faces de contato para lingual, a face vestibular tem dimensões maiores do que a face lingual. Decorre desse fato que, se o dente for examinado por lingual, ver-se-ão partes de suas faces mesial e distal e o contorno vestibular ao fundo (Fig. 1-12).

Figura 1-12 – Coroas dentais vistas pela face lingual, com o contorno da face vestibular ao fundo.



A única exceção na dentição* permanente é o primeiro molar superior e na dentição decídua, é o segundo molar superior. Em ambos o tamanho da face lingual predomina sobre o da vestibular.

Face mesial maior que a distal – em consequência da convergência das faces livres para a distal, a face mesial possui dimensões maiores do que a face distal em um dente sem desgaste ou pouco desgastado. Neste caso, a face mesial esconde o resto da coroa, mas a vista distal inclui partes das faces vizinhas (Fig. 1-13). Além disso, a face mesial é mais alta que a face distal.

O incisivo central inferior, que tem uma coroa simétrica, não exhibe este caráter distintivo com exuberância. No primeiro pré-molar inferior, a face mesial é geralmente menos alta que a distal.

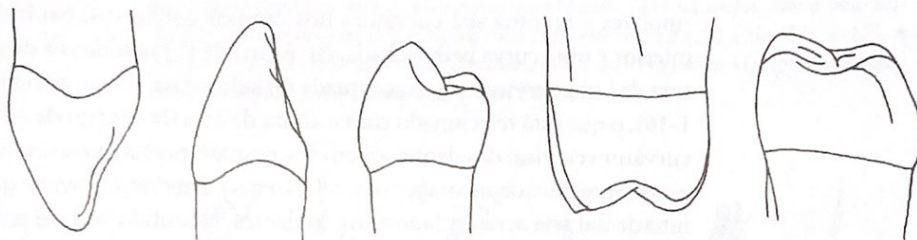


Figura 1-13 – Coroas dentais vistas pela face distal, com o contorno da face mesial ao fundo.

Face mesial plana e reta e face distal convexa e curva (Figs. 1-14 e 1-15) – por ser menor, com seus limites próximos um do outro, a face distal apresenta-se mais convexa, mais abaulada, tanto em visão frontal quanto de perfil. O abaulamento deixa a distal mais inclinada, de tal modo a formar com a raiz uma angulação que inexiste (ou é menor) no lado mesial. Não obstante, deve-se descontar a inclinação distal da raiz, que faz aumentar a angulação. Esta assertiva é comprovada quando se examina incisivos, caninos e molares por vestibular. Nos pré-molares este detalhe é menos marcado.

Figura 1-14 – Coroas dentais vistas pela face vestibular para mostrar a borda correspondente à face mesial (traço espesso) mais alta que a distal.

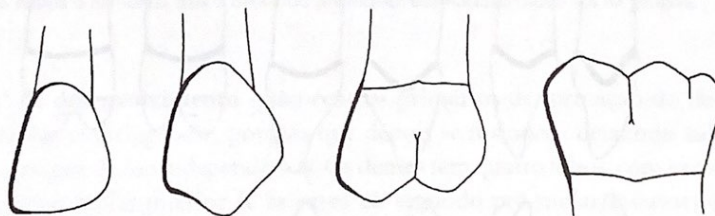
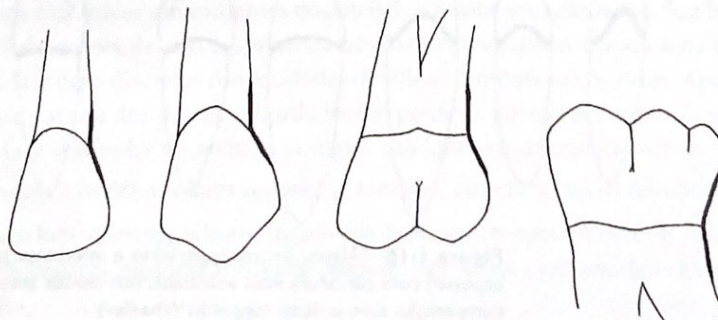


Figura 1-15 – Coroas dentais vistas pela face vestibular para mostrar a borda distal formando ângulo com o contorno da raiz (traço espesso). O ângulo correspondente do lado mesial é menos pronunciado.



Nos dentes anteriores, é notório o arredondamento do ângulo distoincisal, muito mais obtuso em comparação com o mesioincisal. Todos esses detalhes morfológicos concorrem para deixar a área de contato mais cervical na face distal.

Numa vista oclusal nota-se a maior dimensão da borda mesial (com exceção do primeiro pré-molar inferior), que a faz tender à retidão. A borda distal, menor, tende ao encurvamento (Fig. 1-5).

Linha cervical* – os diâmetros mesiodistal e vestibulolingual da coroa são maiores nos molares e menores nos incisivos. Quanto mais larga a face oclusal, maior base de sustentação deve ter a coroa em nível cervical. Conseqüentemente, a linha cervical apresenta-se mais ou menos curva, de acordo com a dimensão desse diâmetro. Nas faces de contato dos molares, ela é uma linha praticamente reta, torna-se um pouco curva (abertura ou concavidade voltada para a raiz) nos pré-molares e acentua sua curvatura nos caninos e incisivos. No incisivo central inferior é uma curva bem fechada, em forma de V. Em todos os dentes, a curvatura da linha cervical é mais acentuada no lado mesial do que no lado distal (Fig. 1-16), o que está relacionado com a altura da área de contato da coroa. A maior curvatura cervical dos dentes anteriores, os quais possuem menor suporte ósseo e, portanto, menor ancoragem em relação aos posteriores, permite que mais osso interdental seja acrescentado entre os dentes no sentido vertical para aumentar o poder de sustentação ou de fixação desses dentes em seus alvéolos.

Nas faces livres a curva (abertura voltada para a coroa) da linha cervical é tanto mais fechada quanto menor for a dimensão mesiodistal da coroa ao nível do colo. Também aqui é o incisivo inferior que possui a linha cervical mais encurvada.

Inclinação da face vestibular na direção lingual – como as faces livres convergem para a oclusal, deduz-se que a face vestibular se inclina para o lado lingual e a lingual se inclina para o lado vestibular. Das duas, a face que se inclina mais

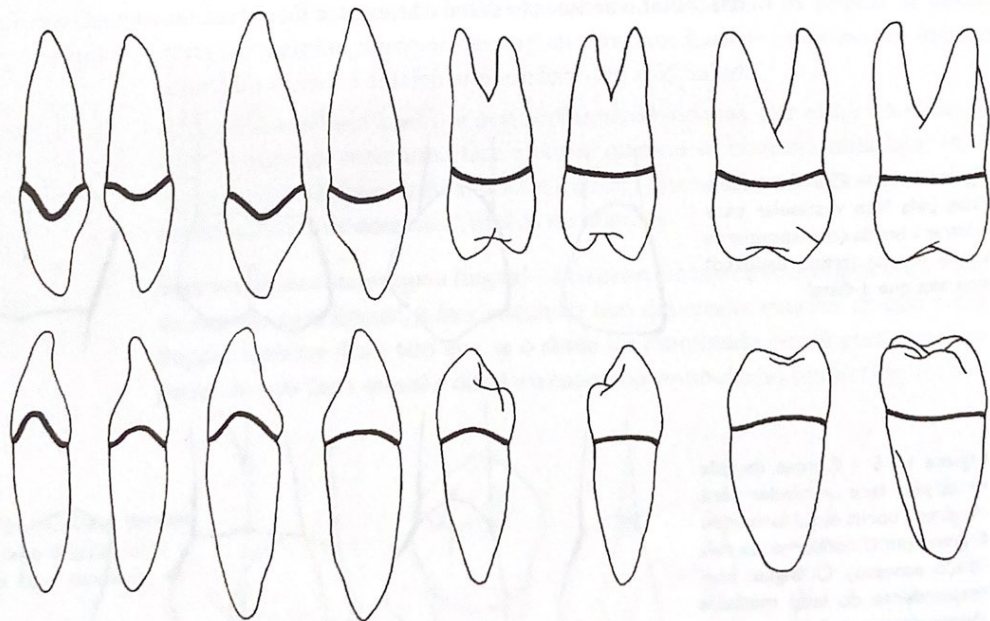


Figura 1-16 – Alguns dentes superiores e inferiores, para mostrar a linha cervical (traço espesso) com curvatura mais acentuada nos dentes anteriores e também no lado mesial em comparação com o distal (segundo Wheeler).

em relação ao eixo do dente é a vestibular, muito mais nos inferiores do que nos superiores. Os pré-molares e os molares mostram com exuberância essa inclinação.

A inclinação lingual começa na união do terço cervical com o terço médio da face vestibular, de modo que os dois terços incisais ou oclusais se inclinam e o terço cervical não. Desta maneira, a maior proeminência vestibular fica restrita ao terço cervical e é conhecida como **bossa* vestibular**.

A maior proeminência da face lingual de incisivos e caninos situa-se também no terço cervical, em virtude da localização do cingulo. Nos dentes posteriores, a proeminência está no nível do terço médio ou entre os terços médio e cervical.

As proeminências descritas protegem a gengiva marginal. A borda livre da gengiva coloca-se nas imediações do colo. As bossas das faces livres nas proximidades da gengiva desviam dela os alimentos mastigados. Não há impacção; o bolo alimentar apenas tangencia a gengiva, sem ir de encontro direto a ela (Fig. 1-17). A gengiva situada entre as faces de contato de dois dentes vizinhos (papila interdental) é protegida pelas cristas marginais e áreas de contato.*

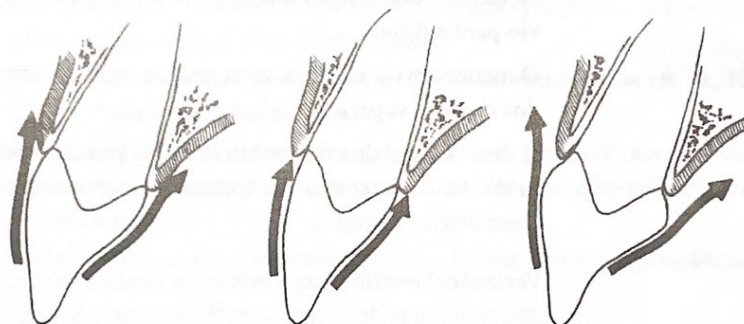


Figura 1-17 – Convexidade cervical das faces livres em um incisivo central superior visto por uma das faces de contato. Da esquerda para a direita: relação correta entre os contornos da coroa e da gengiva – a bossa vestibular e o cingulo protegem a gengiva marginal e permitem que os alimentos a tangenciem (massageiem) durante a mastigação; contorno inadequado por falta de convexidades cervicais propicia a impacção alimentar; o excesso de convexidades cervicais desvia o alimento, não o deixando promover estimulação mecânica na gengiva.

Lobos* de desenvolvimento – são centros primários de formação do dente durante sua embriogênese, porções que depois se fusionam deixando sulcos como vestígios de sua independência. Os dentes têm quatro lobos, com exceção do primeiro molar inferior (e às vezes do segundo pré-molar inferior) que possui cinco (Fig. 1-18).

Os lobos e os sulcos são evidentes nos incisivos recém-erupcionados. Sua borda incisal é trilobada, isto é, apresenta três mamelões*, que continuam na face vestibular como discretas convexidades divididas por dois sulcos rasos. Após o desgaste natural dos dentes, a borda incisal perde as saliências e torna-se reta, mas a face vestibular mantém os vestígios dos lobos de desenvolvimento.

Os caninos e os pré-molares superiores também exibem lobos destacados.

O quarto lobo corresponde ao cingulo dos dentes anteriores e à cúspide lingual dos pré-molares. Nos molares, cada cúspide representa a extremidade livre de um lobo.

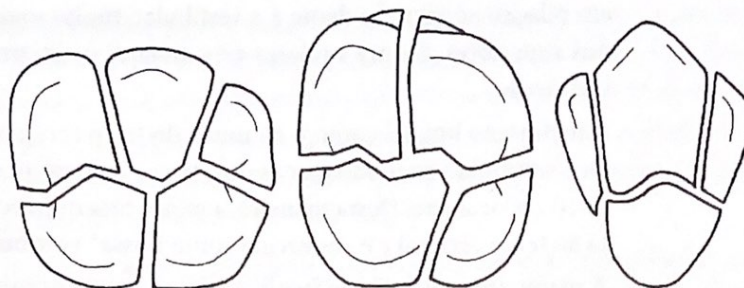


Figura 1-18 – Desenho esquemático representativo dos lobos de desenvolvimento.

Desvio distal da raiz – tomando-se um dente isoladamente, nota-se que sua(s) raiz(es) em geral se desvia(m) distalmente. O terço apical é o que mais se desvia. Trata-se de um deslocamento do eixo longitudinal da raiz em relação ao eixo da coroa. Pode ocorrer em todas as direções, mas a prevalência maior é o desvio para a distal.

O menor desvio observa-se na raiz do incisivo central inferior e na raiz lingual dos molares superiores.

O desvio distal da raiz é explicado pela posição distalizada da artéria nutridora do dente durante a sua formação, com o crescimento da raiz em direção dessa artéria dental.

Variações* anatômicas – as formas dentais obedecem a um plano de construção, com um padrão morfogenético próprio, individual. Entretanto, as variações dessas formas são frequentes. Basta olhar para as pessoas e notar dentes com aspectos diferentes, não apenas de cor e tamanho, mas também de contorno, forma e estrutura.

Assim, o aparecimento de um tubérculo extra, de uma cúspide a mais ou a menos, de uma raiz supranumerária* são variações que não raro aparecem. Não se trata de anomalias* dentais, porque estas interferem com a função. As variações anatômicas não são disfuncionais; não atrapalham o funcionamento dos dentes.

Os dentes mais afetados por variações são os terceiros molares; elas acometem tanto a porção coronária quanto a radicular. O incisivo lateral superior também varia bastante quanto à forma; pode sofrer um processo de hipodontia, com a coroa diminuta, conoide e, conseqüentemente, diastemas* em ambos os lados. O segundo molar superior apresenta uma grande variedade de formas na sua coroa. Dos pré-molares, os inferiores são os mais inconstantes quanto à forma.*

Desenvolva o estudo dirigido “Generalidades sobre os dentes”, no Apêndice deste livro.

Depois disso, responda às 20 perguntas listadas abaixo, sobre o que foi estudado até aqui. Como este início é fundamental para o entendimento do próximo capítulo, as perguntas ensejarão uma nova reflexão, e daí aprofundamento, sobre o assunto “generalidades em anatomia dental”. Nos demais capítulos, não foram incluídas perguntas deste tipo.